

**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO
DO RIO GRANDE DO NORTE – FARN
CURSO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA**

ANA RAQUEL DOS SANTOS

**UM BREVE ESTUDO SOBRE OS TESTES QUE AVALIAM A
INTELIGÊNCIA.**

NATAL

2011

ANA RAQUEL DOS SANTOS

UM BREVE ESTUDO SOBRE OS TESTES QUE AVALIAM A INTELIGÊNCIA.

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em Avaliação
Psicológica da Faculdade Natalense para o
Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN.

**Orientadora: Professora Geórgia Martins Baeta
Neves.**

NATAL

2011

ANA RAQUEL DOS SANTOS

UM BREVE ESTUDO SOBRE OS TESTES QUE AVALIAM A INTELIGÊNCIA.

Monografia apresentada como requisito necessário para a obtenção do título de Especialista em Avaliação Psicológica da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN.

Monografia aprovada em ____ / ____ / ____

Ana Raquel dos Santos

Prof^ª Geórgia Martins Baeta Neves

Orientadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Lúcia Santos, ao meu noivo Diogo Maia e aos meus familiares, e a todos os meus professores que me incentivaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe pelo carinho e incentivo, a minha madrinha e segunda mãe Lúcia Santos por sempre participar e apoiar os meus sonhos, ao meu noivo Diogo Maia que sempre me apoia, e aos meus colegas de turma pela colaboração na construção desse trabalho e principalmente a minha orientadora Prof^a. Geórgia Martins, a Unitalentos e seus profissionais, pelo apoio e aos demais professores do curso de pós-graduação.

A palavra “inteligência” tem sua origem na junção de duas palavras latinas: inter= entre e eligere= escolher. Em seu sentido mais amplo, significa capacidade cerebral pela qual conseguimos penetrar na compreensão das coisas escolhendo o melhor caminho. (ANTUNES, 1998, p.11).

RESUMO

O presente projeto pretende elucidar a natureza do conceito de inteligência, de como o seu conceito foi se modificando como o passar dos séculos. Para autores como Galton e Goodwin inteligência era visto como uma característica familiar, um traço herdado de seus familiares, já Gardner acreditava que inteligentes eram aqueles que possuíam agilidade física, que conseguiam realizar bem qualquer tipo de tarefa estando em qualquer tipo de lugar, Wechsler entendia a inteligência de uma maneira global, não uma capacidade isolada, mas um dos primeiros a tentar explicar a inteligência foi Spearman (considerado o pai da psicometria), quando propôs o fator *g*, depois surgiu a Wechsler que via a inteligência como um construto multidimensional. A pesquisa prossegue passando pela história dos testes no Brasil chegando aos testes utilizados para avaliar a inteligência, começando pela Escala de Binet chegando aos de teste como: BPR-5, WISC-III, WAS-III, G-38, G-36, R-1, R-2, Matrizes Progressivas: Geral e Avançada, Teste dos Relógios, HTM, TIG-NV, **TCR (Teste Conciso de Raciocínio)**, RIN (Raciocínio Inferencial), Wisconsin de Classificação de Cartas, TONI-3.

Palavras-chave: Inteligência; testes; Fator *g*; Binet; Spearman.

ABSTRACT

This project aims to elucidate the nature of the concept of intelligence, of how his concept was if modifying how the centuries. For authors like Galton and Goodwin intelligence was seen as a family feature, a trait inherited from their families, as Gardner believed that smart were those that possessed physical agility, which could perform well any type of task being in any kind of place, Wechsler understand the intelligence of a global way, not an isolated capacity, but one of the first to try to explain the intelligence was Spearm (considered the father of psychometrics) When proposed the g factor, then came the Wechsler that via the intelligence as a multidimensional construct. The search proceeds through the history of the tests in Brazil reaching tests used to evaluate the intelligence, starting with the scale of Binet test reaching as: BPR 5, WISC-III, WAS-III, G-36, 38, G-R-R-1, 2, Progressive Matrices: General and advanced Test, watches, HTM, TIG-NV, CCT (Concise Test of reasoning), RIN (an inferential Reasoning), Wisconsin card sort, TONI-3.

Keywords: Intelligence; testing; G factor; Binet; Spearm.

LISTA DE TABELA

TABELA A: TEORIAS DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS DE HOWARD GARDNER.....	16
TABELA B: TESTES PSICOLÓGICOS PRODUZIDOS NO BRASIL ENTRE: 1930-1970.....	20
TABELA C: SUBTESTES DOS TESTES ALFA E BETA DO EXÉRCITO.....	22
TABELA D: AMOSTRA DE ALGUNS DOS TESTES DIFERENTES DE NÍVEIS MENTAIS DE BINET- SIMON.....	24
TABELA E: TEORIA G.....	27
TABELA F: ÍNDICES FATORIAIS DO WISC-III.....	42
TABELA G: DESCRIÇÕES DOS SUBTESTES DO WISC-III.....	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 OBJETIVO GERAL.....	12
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
2 A NATUREZA DA INTELIGÊNCIA.....	13
2.1 CONCEITO DE INTELIGÊNCIA SEGUNDO WECHSLER	16
3 HISTÓRICO DOS TESTES NO BRASIL.....	18
3.1 ALFA E BETA.....	21
4 O NASCIMENTO DOS TESTES DE INTELIGÊNCIA.....	23
4.1 ESCALAS DE BINET-SIMON.....	23
4.1.1 Chegada do Teste de Binet aos Estados Unidos - Henry g. Goddard.....	24
5 TEORIAS SOBRE O FATOR “G”	26
6 TESTES DE INTELIGÊNCIA.....	29
6.1 R-1 TESTE NÃO-VERBAL DE INTELIGÊNCIA.....	31
6.1.1 R-1 Forma B.....	32
6.1.2 R-2 Teste não verbal de inteligência para crianças.....	32
6.2 G-36/G-38 TESTE NÃO VERBAL DE INTELIGÊNCIA.....	33
6.3 MATRIZES PROGRESSIVAS – ESCALA GERAL.....	34
6.3.1 Matrizes progressivas – escala avançada.....	34
6.4 D-70 - TESTE DE INTELIGÊNCIA NÃO VERBAL.....	35
6.5 TESTE DOS RELÓGIOS.....	35

6.6	TESTE DE HABILIDADE PARA O TRABALHO MENTAL- HTM.....	37
6.7	TESTE CONSISO DE RACIOCÍNIO –TCR.....	38
6.8	TESTE DE RACIOCÍNIO INFERENCIAL.....	38
6.9	TONI-3-TESTE DE INTELIGÊNCIA NÃO VERBAL.....	38
7	WISC III - ESCALA DE INTELIGÊNCIA WECHSLER CRIANÇAS.....	40
7.1	WAIS-III - ESCALA DE INTELIGÊNCIA WECHSLER ADULTOS.....	43
7.2	BATERIA DE PROVAS DE RACIOCÍNIO- BPR-5.....	44
7.3	TESTE DE INTELIGÊNCIA GERAL NÃO VERBAL - TIG-NV.....	45
7.4	WISCONSIN DE CLASSIFICAÇÃO DE CARTAS.....	46
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem por objetivo fazer um breve estudo sobre o referencial bibliográfico sobre inteligência e os testes que a avaliam, começando pelo o próprio conceito de inteligência.

A inteligência foi conceituada por diversos autores como: Almeida & Primi, Cunha, Goodwin, Gardner, Wechsler, dentre outros. Aqui faremos um passeio através dos conceitos desses autores para conhecer como o conceito de inteligência foi tomando forma durante o passar dos séculos. Começando pelo segundo capítulo “A natureza da inteligência”, onde poderemos perceber as primeiras teorias sobre o conceito de inteligência, já no século XX, onde Spearman tentou pela primeira vez explicar a inteligência através do fator g (capítulo cinco). Outro conceito de inteligência foi dado por Wechsler, apresentado no subitem do segundo capítulo.

Para melhor compreender como os testes entraram para avaliar a inteligência, o terceiro capítulo foi dedicado ao “Histórico dos testes no Brasil”, começando pelo ano de 1836, com o desenvolvimento da utilização de instrumentos psicológicos, passando pela era negra no período entre 1970 -1990.

No quarto capítulo “O nascimento dos testes de inteligência”, Goodwin fala sobre as classificações que eram feitas a crianças com deficiências graves - *idiots*, as mais capazes - *imbéciles* e fracas – *débiles*. Já no subitem desse capítulo falaremos sobre as “Escala de Binet-Simon”, que acreditava que com treino os níveis mentais poderiam aumentar. Em seguida descreveremos sobre a chegada aos Estados Unidos, onde os testes verificavam como a idade mental.

O capítulo cinco foi dedicado ao Fator g, teóricos como Spearman, Thurstone, Cattell e Carroll o descrevem como: a soma de três operações mentais, conjunto de aptidões básicas e até mesmo como um fator de segunda ordem.

O último capítulo descreve os testes de inteligência como: R-1- Teste Não verbal de inteligência, G-36/38, Matrizes Progressivas – Escalas Geral e Avançada, D-70, Teste dos Relógios, HTM, Teste de Raciocínio Inferencial, Teste Conciso de Raciocínio, WISC-III, WAIS-III, BPR-5, TIG-NV, WISCONSIN.

1.1 OBJETIVO GERAL

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo discorrer sobre os testes que avaliam a inteligência.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Fazer um estudo sobre os conceitos de inteligência.
- Fazer um apanhado sobre a história dos testes no Brasil;
- Discorrer sobre os testes que avaliam a inteligência;
- Procedimentos Metodológicos

O método utilizado é qualitativo, que visa observar, investigar e compreender o conceito de inteligência, e os testes que a avaliam, através de coleta de dados.

2 A NATUREZA DA INTELIGÊNCIA

A inteligência foi conceituada por diversos autores como: Almeida & Primi, Cunha, Goodwin, Gardner, dentre outros. Faremos uma viagem através dos conceitos desses autores para conhecer melhor como o conceito de inteligência foi tomando forma durante o passar dos séculos.

Para Cunha (2000), Spearman era considerado o pai da psicometria, foi o primeiro a tentar explicar o que era inteligência, nos primórdios do século XX. Logo após propor o fator *g* (ver capítulo cinco) como pressuposto em seu referencial teórico foram surgindo muitos pensadores, ora apresentando um modelo dicotômico, ora, criando explicações que envolviam fatores múltiplos ou capacidades cognitivas múltiplas. Enfatizado por Cunha:

Qualquer instrumento de mensuração da inteligência, na realidade, só mede “algumas áreas de funcionamento”. Em suma, “um QI é uma estimativa do nível atual de funcionamento, enquanto este é medido pelas várias tarefas num teste” (Cunha, 2000, p. 529)

Segundo Gardner (2001), ao final do século XIX, Francis Galton, um dos fundadores da avaliação psicológica moderna, achava que a inteligência era uma característica familiar e procurava nos filhos das pessoas que ocupavam posições de liderança na sociedade britânica tal característica.

Para Gardner (2001), cada sociedade tem um ideal de ser humano. Os gregos valorizavam a agilidade física, os romanos a coragem, os seguidores do Islã apreciavam o soldado santo, os chineses aqueles que tinham o dom da poesia, já nos últimos séculos as sociedades ocidentais elegeram um ideal, do homem inteligente, os padrões desse ideal evoluem com o tempo e o cenário. Em escolas tradicionais era inteligente aquele que dominava várias línguas clássicas e a matemática e principalmente a geometria. Já Figueiredo (2006), via a inteligência como algo que poderia se manifestar de diversas formas. Como afirmava Figueiredo:

Wechsler não concebeu a inteligência como uma capacidade específica, mas, como uma entidade agregada e global, a “capacidade do indivíduo de agir como propósito, pensar racionalmente e lidar com o seu meio ambiente” (Figueiredo, 2006, p.1).

Para Gardner (2001), inteligente era a pessoa capaz de executar bem as ordens recebidas, em qualquer lugar para onde fosse mandado, no início do século XX. Já na idade Média, a igreja procurava estudantes tanto estudiosos como sagazes e devotos. Francis Galton, no século XIX, um dos fundadores da avaliação psicológica moderna, interpretava a inteligência como uma das características familiar, procurando nos filhos das pessoas que ocupavam posições de liderança na sociedade britânica. “Desde a época de Galton, as pessoas procuram avidamente as melhores maneiras de definir, mensurar e cultivar a inteligência” (Gardner, 2001, p.13).

Para Goodwin (2005), se a variação individual era herdada e sujeita a seleção natural, influenciava a evolução das espécies vegetais e animais, o que deveria ter influenciado também sobre os humanos. “Se a inteligência humana era um traço essencial para que os seres humanos, fisicamente fracos, sobrevivessem na luta pela vida, então aqueles que fossem mais inteligentes naturalmente atingiriam o topo da sociedade” (Goodwin, 2005, p. 157).

Para Almeida & Primi (2000), a inteligência e das aptidões da qual a psicologia mais se dedicou para tentar descrevê-la de forma mais precisa. Maior controvérsia ficou com a questão de conceituar a inteligência como um fator geral, ou, como um conjunto de fatores com relativa independência entre si.

Para Gardner (2001), testes como o de Avaliação Acadêmica e o das Analogias de Miller (feitos nos Estados Unidos), e os vários exames do ensino fundamental, médio, superior e o profissional baseiam-se todos numa tecnologia desenvolvida originalmente para testar a inteligência. Tendências semelhantes de avaliação também em muitas outras nações. As tentativas de aferição da inteligência devem continuar e, de fato, difundir-se mais ainda no futuro.

Para Gardner (2001), existem sete tipos de Inteligências humanas (Linguística, Lógico-matemática, Espacial, Musical, Cinestésico-Corporal, Interpessoal, Intrapessoal) distintas: linguística e lógico-matemática (são as que têm sido tipicamente valorizadas na escola). A linguística envolve sensibilidade para a língua falada e escrita, a habilidade de aprender línguas e a capacidade de usar a língua para atingir certos objetivos (advogados, locutores, escritores e poetas são exemplos de inteligência linguística elevada). Já a inteligência lógico-matemática envolve a capacidade de analisar problemas com lógica, realizar operações matemáticas e investigar questões cientificamente. Aqueles que

possuíssem os dois tipos poderiam ser considerados um abençoado, pois teria maior facilidade em executar algum teste. Na verdade, o fato de a maioria dos psicólogos e de outros acadêmicos exibir um amálgama de inteligência lingüística e lógica tornou quase inevitável estas inteligências dominarem os testes de inteligência.

Segundo Gardner (2001), as próximas três inteligências marcam aqueles que têm vocação pelas artes, embora possa ser usada de várias maneiras. A inteligência musical traz habilidades em atuação, em composição e na apreciação de padrões musicais. A inteligência físico-cinestésica acarreta o potencial de usar o corpo (mão ou boca) para resolver problemas ou fabricar produtos (dançarinos, atores, atletas, artesões, cirurgiões, cientistas, mecânicos e outros profissionais). A inteligência espacial tem o potencial de reconhecer e manipular os padrões do espaço, usados por pilotos e navegadores (como os que são importantes para escultores, cirurgiões, jogadores de xadrez, artistas gráficos ou arquitetos). As últimas duas inteligências são chamadas de pessoais, a inteligência interpessoal denota capacidade de entender as intenções, motivações e desejos do próximo, a exemplo disso os vendedores, professores, clínicos, líderes religiosos, líderes políticos e autores.

Segundo Gardner (2001), a última é a inteligência intrapessoal envolve a capacidade de a pessoa se conhecer, de ter um modelo individual de trabalho eficiente, incluindo aí os próprios desejos, medos e capacidades, e usar essas informações com eficiência para regular a própria vida (VER TABELA - A).

TABELA A: TEORIAS DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS DE HOWARD GARDNER

INTELIGÊNCIA	DESCRIÇÃO
Lógico-matemática	Capacidade de natureza não verbal associado ao raciocínio científico e ao domínio do sistema simbólico abstrato da matemática.
Lingüística	Capacidades vinculadas ao sistema verbal com exemplo: conhecimento de palavras, organização das frases e comunicação pela linguagem.
Espacial	Capacidade de formar modelos do mundo espacial através de representações visuais mentais e operar utilizando esses modelos.
Musical	Capacidade em lidar com melodias, timbres e ritmos.
Corporal – cinestésica	Capacidade de agir eficientemente no controle motor do corpo. Associada às habilidades esportivas.
Interpessoal	Capacidade associada a percepção de estados de ânimo, motivações e intenções dos outros.
Intrapessoal	Capacidade associada ao acesso ao sentimento próprio, discriminação e nomeação das emoções e utilização na orientação do comportamento.

Fonte: ALCHIERI, 2010.

2.1 CONCEITO DE INTELIGÊNCIA SEGUNDO WECHSLER

Segundo Silva (2004), o conceito de inteligência desde o século XX tem sido tema debatido por Wechsler, que adotou uma abordagem mais ecológica e concebeu a inteligência como um construto multidimensional que se manifesta sob várias formas. Originalmente a definiu como “a capacidade do indivíduo para agir deliberadamente, pensar racionalmente e lidar efetivamente com seu ambiente”. Como afirmar Silva:

Considerava a inteligência não só como uma entidade global, mas também como um conjunto de capacidades específicas. Wechsler explicou que a inteligência é global porque caracteriza o comportamento do indivíduo como um todo. Também é específica porque é composta de elementos ou capacidades qualitativamente distintas (Silva, 2004, p.24).

Segundo Silva (2004), Wechsler manteve sua teoria sobre inteligência, onde acreditava que a inteligência devia ser medida por meio de tarefas verbais e de execução, cada qual medindo capacidades de modos distintos que poderiam ser reunidas para formar um construto geral global. Depois Wechsler começou a explorar a questão “não intelectual” da inteligência, a questão da capacidade de perceber e responder a valores sociais, morais e estéticos. Para Wechsler os estudos de análise fatorial abrangiam apenas parte da variância global e de inteligência, o outro grupo de atributos era constituído de motivações, atitudes e traços básicos da personalidade humana com persistência, consciência de objetivos, entusiasmos e outras disposições. Ainda foram levantadas outras hipóteses de que esses atributos influenciavam no desempenho do indivíduo nessas medidas, e também seu grau de eficiência na vida diária e na interação com o mundo e seus desafios.

Segundo Calejon & Beatón (2002), Wechsler reconhecia a valor do fator geral da inteligência como elemento conceitual e descritivo para explicar o coeficiente de correlação encontrado na análise do desempenho dos sujeitos em diferentes, entretanto, discordava da dimensão biologizante da interpretação que Spearman e outros seguidores davam a esse dado. Para Wechsler, suas escalas de inteligência eram instrumentos clínicos que permitiam obter uma amostra das capacidades do indivíduo. Como acreditava Silva:

Acreditava também que as capacidades representadas por esses testes, nem sempre se desenvolvem de modo homogêneo em pessoas “normais”. A experiência demonstrou que a maioria dos indivíduos apresenta altos e baixos nos resultados obtidos, um padrão indicativo de que as capacidades intelectuais se desenvolvem de modos distintos e resultam em diferentes perfis de pontos cognitivos fortes e fracos (Silva, 2004, p.24).

Para Gardner (2001), Galton não ficou só nas linhagens hereditárias, ele acreditava que a inteligência podia ser avaliada mais diretamente. Depois começou a elaborar testes de inteligência mais formais, coerentes com a nova concepção da mente humana como sujeita a aferição e experimentação. Gardner afirmava que:

Galton achava que as pessoas mais inteligentes deveriam possuir sentidos mais aguçados, portanto, as primeiras aferições formais da inteligência sondavam os modos como indivíduos distinguem as diferenças de volumes dos sons, de brilho da luz, de peso dos objetos (Gardner, 2001, p.13).

3 HISTÓRICO DOS TESTES NO BRASIL

Nesse capítulo faremos uma breve passagem sobre a história dos testes no Brasil, onde Pasquali (2001) divide em cinco períodos, que vai de 1836 até os dias de hoje. (VER TABELA - B):

1836 - 1930: Segundo Pasquali (2001), este período foi definido por três pontos para o desenvolvimento da utilização de instrumentos psicológicos: ciência psicológica como um novo campo de estudo nas faculdades de medicina; a utilização dos métodos e recursos da psicologia nas escolas normais e o surgimento dos centros de pesquisa psicobiológica junto aos laboratórios de pesquisa de instituições variadas relacionadas à área da saúde. Já para Alchieri & Cruz (2003), o desenvolvimento da psicologia no Brasil está relacionado à sistematização de conhecimento sobre processos básicos psicológicos e ao uso experimental de medidas psicológicas para verificação de estágios de desenvolvimento e de aprendizagem humanas. O período acima citado pode ser considerado como um momento de aprofundamento desses conhecimentos por meio dos estudos e publicações.

1930 - 1962: Segundo Pasquali (2001), nessa época foram criadas universidades e com isso a psicologia começa um movimento, tanto no ensino quanto na pesquisa. No que tange aos instrumentos e testes utilizados pelos pesquisadores desta época, é interessante notar que a instrumentação usada em praticamente todas as pesquisas estava amparada em testes psicológicos, sobretudo os testes de inteligência (Binet, Alpha, Decroly, dentre outros), testes de aptidão (Walther, Coordenação Bimanual, Teste de Atenção Difusa de Lahy, Berg, etc...), inventários de personalidade (como Thurstone) e testes projetivos (PMK, Rorschach, TAT, etc.).

1962 - 1970: Segundo Pasquali (2001), A psicologia foi regulamentada como disciplina e profissão foi realizada pela Lei N°4119 de 1962, culminando com a criação do Conselho Federal de Psicologia e dos Conselhos Regionais de Psicologia em 1974 pela Lei N° 5.766, formalizando assim o registro dos

psicólogos formados entre 1962 e 1965, anteriormente à lei. Para Alchieri & Cruz (2003), o final da década de 60, foi marcado pelo o crescimento do número de cursos de psicologia, e com isso a necessidade de professores para o ensino, a qualificação de profissionais de psicologia teve um maior comprometimento, em especial na área de Avaliação Psicológica.

1970 - 1990: Segundo Pasquali (2001), na década de 60 existiam sete cursos, aumentando para vinte em 1970. De um total de 1.500 psicólogos devidamente registrados no país em 1970, rapidamente este número passou para 2.000 em apenas seis anos, concentrados predominantemente nas regiões sudoeste, sul e centro-oeste. Nesse período foram criados: o Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Psicologia, que foi um fator disciplinador e também impulsionador do exercício profissional da psicologia no país. Já com relação aos testes psicológicos, este período foi extremamente pobre, nas universidades se ensinavam exclusivamente testes projetivos, que eram usados para qualquer finalidade. Período marcado por ser uma era negra dos testes psicológicos no Brasil.

1990 ao presente: Para Pasquali (2001), a fase difícil para os testes psicológicos no Brasil provocou algumas preocupações por parte dos Conselhos Regionais de Psicologia, de alguns profissionais, em particular do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e também de pesquisadores apreensivos com reportagens depreciativas e pelos numerosos processos judiciais contrários aos resultados de avaliações psicológica. Mesmo preocupados com a essa repercussão, o Conselho Federal de Psicologia procurou investir em comissões para estudar a questão, e alguns conselhos regionais começaram a organizar encontros e comissões com a intenção de estudar a questão.

Para Alchieri & Cruz (2003), os períodos acima podem ser assinalados como os pontos de crescimento da produção técnica e científica quanto aos principais objetivos desenvolvidos na psicologia brasileira, essa contextualização se faz necessária para apontar os principais avanços na Avaliação Psicológica.

TABELA B: TESTES PSICOLÓGICOS PRODUZIDOS NO BRASIL ENTRE: 1930-1970

TESTES	AUTOR (ES)	DATA	VALIDADE	PRECISÃO
ABC	M.B. Lourenço	1931	Nada	Nada
PMK	E. Mira y Lopez	1940	Concorrentes com juízes:37 a 79	Testes-retestes: 52 a71
Teste Jota	O.A.L Martins	1944	Nada	Metade:98
Minhas mãos	H. Antipoff	1947	Nada	Nada
Teste Maia	Jacyr Maia	1950	Com INV: 48	Nada
Classificação de objetos do ISOP	E. Schnneider	1950	Com testes de inteligência: 83 a 84	Nada
Dadahie	E.M. Andrade R. Moraes , Z.S. Wend	1950	Nada	Metades: 69 a 84
Coordenação Manual	D. Antipoff	1951	Nada	Nada
DEP	O.B. Barros ET. al.	1952	Com desempenho acadêmico: 49	Metade 88
INV	Pierre Weil	1955	Com Standord Binet:73 a Raven:84	Metade:88
Teste do Sinal	J. Carvalhaes	1955	Com testes motores: 45 e 66	Nada
Teste de Percepção	C.C. de Souza	1955	Nada	Nada
MPAM	A.L. Angelini	1955	Nada	Nada
motivação				
SENAI AG-3	O.B. Barros ET. al.	1959	Concorrentes: 31 a 82	Metades :97
Becasse	B.K. Schoenfeldt	1961	Nada	Nada
Bateria CEPA	CEPA	1963	Com Meill:42 e sinônimos 92 e 96	Metades: 81

Inventário interesses	A.L. Angelini	1963	Nada	Nada
Bateria Fatorial SENAC	SDEP	1964	Nada	Metades: 86 a 96
Bateria Interm. SENAC	E. Nick, M.A Pinheiro, M.L.E. Silva	1964	Nada	Metades:75 a 89 testes e retestes: 54 a 77
G-36	E.R. Boccalandro	1966	Com dominós:84	Metades: 90
Relógios	F. de V. Souza, S.V	1967	Com Raven:57 e metades:81	
EMPA	M.A. Pinheiro, C.N Cohen	1668	Nada	Nada
Definições de palavras	L.C. Bonilha	1968	Nada	Metades: 93
Avaliação Intelectual	J. A. Cunha , N.S. da Rocha	1969	Com Inv:? 87 a 91	

Fonte: PASQUALI, 2001, p.2017.

3.1 ALFA E BETA

De acordo com Goodwin (2005), em 1917 o exercito convocou um major e de chefe de um grupo de psicólogos de elite (Yerkes), que ficou encarregado de preparar testes mentais, tarefa de enormes proporções, primeiramente a testagem que era feita individualmente, passava a ser feita coletivamente, com intuito de identificar aqueles dentro do exército com aptidões especiais, e assim os colocá-los onde pudessem servir à causa.

Para Goodwin (2005), com fim da guerra em 1918, Yerkes já havia testado 1.726.966 soldados. E como cerca de 30% dos recrutas não sabiam ler, Yerkes criou dois tipos de testes: Yerkes criou duas versões de teste, um para aqueles que pudessem ler e entender as instruções, o Beta, e o Alfa para aqueles com o grau de escolaridade inferior. Os dois tinham duração de uma hora, e todos os soldados

que perdessem o Alfa receberiam o Beta, e os que perdessem o Beta deveriam ser testados individualmente (VER TABELA C). O Alfa era composto por oito testes, já o Beta de sete. Quando os soldados recebiam o Alfa, recebiam instruções do objetivo do teste, que era ajudar a descobrir aquilo que ela poderia fazer de melhor no exército. Para aqueles que recebiam o Beta, recebiam apenas ordens de seguir as instruções e para não fazer perguntas.

TABELA C: SUBTESTES DOS TESTES ALFA E BETA DO EXÉRCITO

Subtestes dos testes Alfa	Subtestes dos testes Beta
Testes de ordens	Testes de labirinto
Problemas de aritmética	Análise de cubo
Juízo prático	Série X-O
Sinônimos e antônimos	Dígito – símbolo
Sentenças fora de ordem	Verificação de números
Completar séries de números	Completar séries de figuras
Analogias	Construção geométrica
Informação	

Fonte: Goodwin, 2005, p.275.

4 O NASCIMENTO DOS TESTES DE INTELIGÊNCIA

Segundo Goodwin (2005), as testagens mentais, nasceram com a tentativa de Galton de medir as diferenças individuais, assim selecionando os melhores fisicamente, já Cattell exclui as questões físicas (como altura, peso e envergadura) o que possibilitou usar o termo “teste mental”. No começo seus testes eram divididos em dez, e tinha a duração de uma hora, anos depois aumentou o número de testes e reintroduziu algumas medições físicas.

Para Goodwin (2005), já em 1904, Binet tentava identificar alunos com uma menor capacidade, para colocá-los em turmas especiais, e para isso tentava criar testes dos processos mentais. “Em geral, Binet definia a inteligência em termos funcionais como a faculdade de adaptar-se. De julgar, entender e raciocinar bem, essas são as fontes essenciais da inteligência” (GOODWIN, 2005, p.262).

De acordo Goodwin (2005), crianças de capacidade limitada classificam-se em: *idiots*, *imbéciles* e *débiles*. Os *idiots*, aquelas que possuíam uma deficiência grave, sem condições de cuidados consigo. Os *imbéciles*, aquelas um pouco mais capazes, mais ainda dependentes. E por fim os *débiles* (fracas), aquelas que precisavam de uma educação especial. Ao ver esse tipo de classificação Binet decidiu criar uma forma de mais confiável de distinguir essas crianças “fracas” da população escolar normal, e para isso se confio em doze anos de experiência em pesquisas na psicologia individual, e assim criou.

4.1 ESCALAS DE BINET-SIMON

Segundo Goodwin (2005), no ano de 1905, Binet e seu assistente Simon, criaram a primeira versão do teste, sendo este revisado três anos depois, voltando em 1911 (pouco antes de Binet morrer). Binet e Simon ao invés de começar uma prévia definição sobre inteligência, na qual iria se basear os testes a serem usados, eles criaram seus testes empiricamente, classificando alunos em dois grupos: normal e outro claramente prejudicado. O intuito desses dois grupos estava em

identificar os testes (relacionados a inteligência) que permitiam entre esses dois grupos. (VER TABELA-D)

Para Goodwin (2005), Binet acreditava que a inteligência era multifacetada, e que era composta por diversas habilidades. Segundo, ele acreditava que, dentro de limites amplos, os níveis mentais poderiam aumentar com treinamento, e criou um conjunto de exercícios de “ortopedia mental” para ajudar as crianças, a melhorar seus níveis de inteligência. Binet reprovava a opinião que prevalecia em sua época, decorrente do pensamento evolucionista, de que a inteligência era um traço fixo e imutável.

TABELA D: AMOSTRA DE ALGUNS DOS TESTES DIFERENTES DE NÍVEIS MENTAIS DE BINET- SIMON

Três anos: mostrar os olhos, o nariz, a boca, repetir uma oração de seis sílabas, nomear objetos na ilustração.

Cinco anos: copiar um quadrado, comparar duas caixas de peso diferente, repetir uma oração de dez sílabas.

Sete anos: copiar uma oração escrita, repetir cinco dígitos, indicar omissões no desenho.

Nove anos: nomear os dias da semana, reter suas lembranças depois de uma leitura, arrumar cinco pesos na ordem correta.

Onze anos: criticar orações, colocar três palavras dadas numa oração, dar definições abstratas.

Fonte: GOODWIN, 2005, p. 262.

4.1.1 Chegada do Teste de Binet aos Estados Unidos - Henry G. Goddard (1866-1957):

Segundo Goodwin (2005), buscando o melhor método, Goddard encontrou o trabalho de Binet, quando visitou instituições européias para os débeis mentais em 1908. Apesar de não ficar impressionado pelos testes de Binet e Simon ele os levou e a traduziu para o inglês e começou a usá-la com crianças de Vineland. E os resultados dos testes corresponderam às expectativas baseadas em outros tipos de observação das crianças, Goddard tornou-se um convertido.

Para Goodwin (2005), para Goddard, após essa testagem os idiotas seriam definidos como os que se classificassem como possuidores de idade mental de 1 ou 2 anos, e os imbecis seriam os de idade mental entre 3 e 7, e a terceira categoria, os “fracos” de Binet, passariam então serem classificados como: *moron*, que deriva da palavra grega *moronia* (idade mental entre 8 e 12), que significa “tonto”, acreditando na importância de colocar essas crianças em um grupo especial para que recebessem uma ajuda especial. Em um encontro promovido no ano de 1910, pela *American Association of the Feeble-Minded*, foram relatados os resultados das testagens de quatrocentas crianças de *Vineland* e propôs um aprimoramento do sistema de classificação existente, baseado no conceito de Binet de nível mental, o que já estava sendo chamado de idade mental.

5 TEORIAS SOBRE O FATOR “G”

Segundo Almeida & Primi (2000), a atividade intelectual exprime-se em um fator geral (g), comum a toda atividade mental, e um fator específico (s) associado a tarefas individualizadas. Esse fator g, em termos do seu significado psicológico, define-se pela conjugação de três operações mentais: a apreensão de informação, a educação de relações e a educação de correlatos (generalização). O fator g poderia ser definido como a capacidade básica do indivíduo de estabelecer relações ou a capacidade para abstratamente.

Segundo Almeida & Primi (2000), um dos trabalhos críticos da teoria do fator g é representado pela Teoria das Aptidões Primárias. Contrário às concepções de Spearman, defende a inexistência de um fator geral, e assume um conjunto de aptidões básicas ou primárias, independentes entre si: S- espacial, P-perceptivo, N- numérico, V- compreensão verbal, W- fluência verbal, M-memória, I – indução, R – raciocínio aritmético, e D – dedução. Mas essa independência não foi demonstrada estatisticamente em face das intercorrelações dos resultados nas correlações entre os fatores primárias, levou o autor a aceitar a existência de fatores mais gerais.

Segundo Almeida & Primi (2000), a teoria da inteligência fluída (Gf) e da inteligência cristalizada (Gc), apresentada por Cattell em 1940. Cattell aceitava a existência de um fator geral, mas deriva-o como um fator de segunda ordem, entre outros, a inteligência fluida e a inteligência cristalizada (os quais não se possuem esquemas de solução previamente aprendidos). Como Almeida & Primi traz em:

A capacidade biológica do sujeito ou o seu potencial intelectual do sujeito evoluindo ao longo do processo de aculturação, refletindo as experiências educativas e culturais. Ela está relacionada à capacidade de solução de problemas pela aplicação de esquemas de solução aprendidos previamente e armazenados na memória. Relaciona-se, portanto, com a extensão e profundidade dos conhecimentos que a pessoa tem armazenado. A inteligência fluida seria avaliada por meio de testes de relações semânticas, amplitude de memória e indução, enquanto as provas de compreensão verbal ou de cálculo mostravam-se relacionadas com a inteligência cristalizada (Almeida & Primi, 2000, p. 13).

Segundo Almeida & Primi (2000), os estudos resultaram em um modelo hierárquico de três estratos resumidos (VER TABELA- E). Esses estratos representam níveis de generalidade das habilidades. Os fatores do primeiro estrato

são mais específicos e geralmente associados às tarefas existentes nos testes de inteligência. Os fatores se organizaram em sete fatores, e são associadas ao raciocínio (inteligência fluida), à linguagem (inteligência cristalizada), à memória e aprendizagem, à percepção auditiva, à percepção visual, à recuperação de idéias e à velocidade de processamento cognitivo. Por sua vez, esses fatores de segunda ordem relacionam-se entre si dando origem ao estrato III, próximo ao que Spearman.

TABELA E: TEORIA G

ESTRUTURA III		ESTRATO II	ESTRATO I Exemplos de fatores mais significativos
Fator g	Inteligência fluida Gf	Habilidades de raciocínio em situações novas minimamente dependentes de conhecimentos adquiridos. Capacidade de resolver problemas novos, relacionar idéias, induzir conceitos abstratos, compreender implicações.	Raciocínio seqüencial Indução Raciocínio quantitativo
Fator g	Inteligência Cristalizada Gc	Habilidades associadas à extensão e profundidade dos conhecimentos adquiridos de uma determinada cultura. Habilidade de raciocínio adquirida pelo investimento da capacidade geral em experiências de aprendizagem.	Desenvolvimento lingüístico Conhecimento léxico Compreensão em leitura
Fator g	Memória e Aprendizagem Gsm	Habilidades associadas à manutenção de informações na consciência por um curto espaço de tempo para poder recuperá-las logo em seguida. Habilidades também associadas à exposição a uma situação de aprendizagem (geralmente conteúdos simples).	Extensão de memória Memória associativa Memória visual (Obs: Carrol (1993) sugere que as evidências encontradas não permitem apresentar uma definição precisa desse fator)

Fator g	Percepção visual Gv	Habilidade de gerar, reter e manipular imagens visuais abstratas	Visualização Relações espaciais Velocidade de fechamento Acuidade auditiva Discriminação de linguagem oral Discriminação e julgamento de padrões tonais musicais.
Fator g	Recepção auditiva Ga	Habilidades de gerar, reter e manipular imagens visuais abstratas.	Fluência de idéias Facilidade de recordação de nomes Fluência de associações Originalidade/Criatividade
Fator g	Habilidade de recuperação Glr	Habilidades associadas à extensão e fluência de itens de informação ou conceitos recuperados da memória de longo prazo por associação.	Velocidade perceptual
Fator g	Velocidade de processamento cognitivo Gs	Habilidade associada à taxa de rapidez de processamento cognitivo em tarefas cognitivas simples	Tempo de reação simples Velocidade de processamento semântico.

Fonte: ALMEIDA & PRIMI, 2000, p. 13.

6 TESTES DE INTELIGÊNCIA

Nesse capítulo iremos discorrer sobre os testes de inteligência começando pelo R-1 Teste Não Verbal de Inteligência, que segundo Boccato (2002), é um teste utilizado para avaliação de candidatos a motoristas, é destinado a analfabetos e pessoas de escolaridade até o 2º grau. Para Oliveira (2004), R-1 FORMA B avalia o fator G de inteligência de adultos. É destinado ao público a partir dos 15 anos, já para Boccato (2000), o R-2 avalia a inteligência de crianças 5 até os 11 anos de idade.

Para Boccalandro (2003), O G-36- Teste Não Verbal de Inteligência, avalia através de: compreensão de relação de identidade simples, compreensão de relação de identidade, raciocínio por analogia, raciocínio por analogia envolvendo mudança de posição, raciocínio por analogia do tipo numérico envolvendo mudança de posição e raciocínio de tipo espacial. Já o G-38 através: Compreensão de relação de identidade simples, Compreensão de relação de identidade mais raciocínio por analogia, Raciocínio por analogia de tipo numérico, Raciocínio de tipo numérico envolvendo mudança de posição, Raciocínio tipo espacial - decompor um todo nas suas partes e pelo Raciocínio de tipo espacial para perceber modificações numa figura, envolvendo mudança de posição.

Para Campos & Cunha (2003), suas Matrizes Progressivas - Escala Geral visa avaliar a capacidade imediata para observar e pensar com clareza, aferir o desenvolvimento intelectual, a capacidade de aprendizagem e a deficiência mental. De acordo com Oliveira (2004), as Matrizes Progressivas – Raven – Escala Avançada busca investigar a qualidade do raciocínio lógico-dedutivo através de exercícios que exploram as operações de análise e integração envolvidas nos mais elevados processos do pensamento.

Para Boccato (2007), O D-70 trata-se de um teste de inteligência geral, não verbal, que avalia de maneira relativamente pura o fator "g" de Spearman. Destina-se a estudantes do 2º grau e adultos com nível de escolaridade de 2º ou 3º grau. É utilizado para diagnóstico clínico, seleção profissional e também na orientação profissional.

Para Souza (2002), o Teste dos Relógios Medir a capacidade intelectual do indivíduo. É destinado a Analfabetos até universitários. Caderno Forma B (do

analfabeto à 5ª série do 1º grau). Caderno Forma C (da 6ª série do 1º grau até universitário)

Segundo Santarosa (2005) o Teste de Habilidades para o Trabalho Mental - HTM testar a capacidade cognitiva utilizando diferentes tipos de problemas. É destinado a pessoas do ensino médio ao nível superior.

De acordo com Sisto (2006), o Teste Conciso de Raciocínio – TCR avalia a inteligência mais especificamente o fator G. Possui quatro séries organizadas por ordem de dificuldade, sendo sua base de construção do instrumento o raciocínio inferencial. É destinado a pessoas de 18 a 73 anos de idade, candidatos à Carteira Nacional de Habilitação (CNH).

Para Sisto (2006), o Teste de Raciocínio Inferencial - RIN foi criado para avaliação da inteligência, mais especificamente do fator G e esta associada ao desenvolvimento inferido pela idade cronológica.

Pacheco & Neto (2006), TONI-3 (FORMA-A), O teste avalia a inteligência geral por meio da resolução de problemas, é destinada apenas a crianças de 6 a 10 anos de idade.

Para Figueiredo (2006), O WISC-III é um teste que avalia a capacidade intelectual de crianças e adolescentes. É destinado ao público de 6 a 16 anos de idade, já para Silva (2004), o WAIS-III é um dos mais importantes testes para avaliação clínica de capacidade intelectual de adultos na faixa etária entre 16 e 89 anos de idade.

Segundo Almeida & Primi (2000) o BPR- 5 avalia das aptidões e raciocínio geral, tais como: orientação profissional, avaliação das dificuldades de aprendizagem e seleção de pessoal. É destinado ao público de escolaridade de 6ª à 8ª séries do ensino fundamental, para a Forma A e ensino médio e superior Forma B.

De acordo com Tosi (2008), O Teste de Inteligência Geral – Não Verbal – TIG-NV possibilita uma análise Neuropsicológica, o qual permite identificar os tipos de raciocínio. É voltado para o público de 10 a 79 anos de idade.

Para Gordon; Talley; Kay; Curtiss (2005), O Wisconsin de Classificação de Cartas é um instrumento para Avaliação Psicológica e Neuropsicológica. É destinado a crianças de 6 anos e meio até idosos de 89 anos de idade.

Segundo Alchieri (2010), é indicado aplicar os testes de inteligência para determinar o potencial do sujeito em realizar tarefas que envolvem determinadas

habilidades cognitivas, para determinar se os resultados de um sujeito em uma tarefa cognitiva é um reflexo da capacidade intelectual ou existem dificuldades de aprendizagem ou emocional, avaliar mais facilmente se uma criança precisa de um programa de apoio complementar de ensino ou de educação especial, selecionar em um grupo de indivíduos, o mais qualificado para executar determinadas tarefas, identificar em um grupo de indivíduo, aqueles que podem participar em programas intensivos de instrução, orientação aos alunos quanto ao seu futuro profissional e aumentar a eficácia da orientação profissional.

6.1 R-1 TESTE NÃO VERBAL DE INTELIGÊNCIA

Para Alchieri & Cruz (2003), O R-1 é um produto nacional e foi criado em 1973, por Rynaldo de Oliveira, com o objetivo de avaliar a inteligência de adultos, tanto de candidatos a motoristas, como em outras aplicações. Caracteriza-se como medida de inteligência não verbal, construída para ser usada principalmente com pessoas com instrução de nível fundamental.

Para Alves (2002), o R-1 é um teste que foi construído baseado no teste das Matrizes Progressivas de Raven, em que os itens são constituídos por uma figura, com uma parte faltando, que deve ser completada com uma das alternativas apresentadas abaixo da mesma. O número de alternativas nos itens varia de 6 (seis) a 8 (oito) . Por ser um teste com uma tarefa semelhante ao teste de Raven, o qual está fundamentado na Teoria Bifatorial de Spearman, ele pode ser considerado também um teste de Fator G. diferentemente do teste de Raven seus itens iniciais apresentam figuras de objetos concretos e não figuras geométricas, o que facilita a sua compreensão.

Segundo Alves (2002), material é composto por: Caderno de Testes, Folha de Respostas, Crivo de Correção, Manual com instruções do teste, lápis ou caneta (para anotação das respostas) e por fim relógio ou cronômetro. O teste possui quarenta itens, que estão dispostos no caderno, tendo um item em cada página, evitando assim interferência de um item sobre o outro, permitindo maior concentração do examinado, e as respostas são marcadas na folha de resposta. A

aplicação pode ser individual ou coletiva, e o tempo de aplicação é de no máximo trinta minutos. O teste é destinado apenas à pessoas alfabetizadas.

Para Alves (2002), a maior vantagem do R-1, está na facilidade da sua aplicação, já que as figuras dos itens iniciais são de fácil reconhecimento e aceitação.

6.1.1 R-1 Forma B

De acordo com Noronha; Santos; Sisto (2004), O R-1 Forma B foi criado por Rynaldo de Oliveira e foi proposto de forma paralela ao R-1, para ser empregado no exame psicotécnico de motoristas, assim como em outras áreas que fosse necessário um teste alternativo para pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade (ou com dificuldades específicas para compreensão do português).

Segundo Noronha; Santos; Sisto (2004), O R-1 Forma B é sensível para captar a diminuição da capacidade cognitiva, o raciocínio que é utilizado para resolver seus exercícios, com relação ao avanço da idade cronológica em pessoas com escolaridade defasada. É destinado a população de 5 anos até os 11 anos , deve ser aplicado individual ou coletivamente, o tempo de aplicação é de no máximo 30 (trinta) minutos, e material de aplicação é composto por: Folha de Resposta, Caderno de Resposta e lápis grafite.

6.1.2 R-2 – Teste não verbal de inteligência para crianças

Segundo Alves & Rosa (2000), O teste R-2 foi elaborado por Rynaldo de Oliveira, e tem como objetivo avaliar o fator g da inteligência, o R-2 é derivado do R-1, inclusive o R-2 contém alguns itens iguais ao R-1. O R-2 usa os mesmos tipos de itens utilizados por Raven no Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven. “O R-2 apresenta uma variedade de tarefas que se pressupõe serem amostragem adequada das funções intelectuais mais importantes” (Alves & Rosa *apud* Oliveira, 2000, p 11)

De acordo com Alves & Rosa (2000), o R-2 contém 30 (trinta) pranchas coloridas. É destinado a crianças, e sua aplicação é exclusivamente individual, e o

tempo é livre, O material de aplicação consiste em: Pranchas, Folha de Resposta, lápis e caneta.

6.2 G-36/G-38 TESTE NÃO VERBAL DE INTELIGÊNCIA

Segundo Alchieri & Cruz (2003), O G-36 surgiu da necessidade prática do autor que trabalhava com recrutamento e seleção no contexto organizacional. Apesar de reconhecer os bons resultados do teste usado na época, Matrizes Progressivas de Raven, o autor interessou-se por construir novos instrumentos para avaliar inteligência geral. O teste foi construído tendo como base as “Matrizes Progressivas” e a eleição múltipla como tipo de resposta. O instrumento é produto nacional, de autoria de Efraim Rojas Boccalandro. É editado pela Editora Vetor Psicopedagógica Ltda., sua data original é 1966 e está na sua quarta edição (ALCHIERI & CRUZ, 2003, p.78 e 79).

De acordo com Alchieri & Cruz (2003), o teste pode ser aplicado sem restrições em adultos de qualquer grau de instruções e, embora não tenha sido testado em crianças, há informações de que se pode ser aplicável em crianças normais a partir de 10 anos (por analogia com o teste Dominós). O material é composto por: manual; caderno de teste; crivo de correção e a folha de respostas. O teste pode ser aplicado tanto individualmente quanto coletivamente. E não existe limite de tempo, mas em geral as pessoas o terminam em no máximo 45 minutos.

Segundo Alchieri & Cruz (2003), o G-38 surgiu da necessidade de se ter outro instrumento para o reteste de sujeitos que tivessem se submetido ao G-36, de forma que os psicólogos tivessem um instrumento que medisse as mesmas características do anterior. O G-38 é baseado nos mesmos princípios do G-36, ou seja, teste de inteligência não verbal. De acordo com o manual esse teste pode ser aplicado sem restrições em adultos de qualquer grau de instrução. O material se constitui de um manual, caderno de teste, crivo de correção e folha de resposta, e aplicação pode ser individual ou coletiva, e não tem tempo limite (devendo levar em consideração a relação ao tempo mínimo de 7 minutos e no máximo 45 minutos, sendo medianamente realizado em 16 minutos e 31 segundos).

6.3 MATRIZES PROGRESSIVAS – ESCALA GERAL / RAVEN

Para Campos (2003), as Matrizes Progressivas – Escala Geral foi criada segundo os princípios de Spearman, e foi introduzido no Brasil em 1949, e serve para comparar os indivíduos no que diz respeito a sua capacidade imediata para observar e pensar com clareza, para aferir o desenvolvimento intelectual, a capacidade de aprendizagem e a deficiência mental. As Matrizes possuem 60(sessenta) problemas dividido em 5 (cinco) séries com 12 (doze) problemas cada, é destinado à pessoas a partir dos onze anos de idade, o tempo de aplicação é livre, e pode ser aplicar individual ou coletivamente.

Segundo Campos (2003), o material de aplicação consiste em: lápis, folha de resposta, manual, caderno e chave de apuração.

6.3.1 Matrizes progressivas – escala avançada

Segundo Campos (2003) o teste Raven Escala Avançada é uma evolução do Teste das Matrizes Progressivas – Escala Geral foi elaborado com um conteúdo específico para pesquisa de raciocínio em sua forma mais elaborada e refinada. O teste pode ser aplicado de dois modos com o mesmo valor: com o tempo controlado a fim de verificar a eficiência do trabalho intelectual do examinando; com a aplicação livre de controle de tempo permite verificar a capacidade total de observação e clareza de pensamento do examinando. Na primeira forma de aplicação a Série 1 (um) deve ser usada como um breve teste de prática.

Segundo Alchieri & Cruz (2003), o material utilizado para sua aplicação são: caderno, folha de resposta e crivo de apuração. O teste pode ser aplicado individualmente ou no coletivo, com duração máxima de 60(sessenta) minutos. O instrumento destina-se a avaliação de adolescentes a partir dos 12 anos e adultos.

6.4 D.70 - TESTE DE INTELIGÊNCIA NÃO VERBAL

Segundo Alchieri & Cruz (2003), o teste D-70 foi criado na França, e avalia a inteligência não verbal, e foi elaborado a partir do Teste D-48, embora que os instrumentos sejam semelhantes pode-se afirmar que no D-70 as leis que regem os itens variam de maneira mais sistemática e, eventualmente, aparecem combinados. O nome original do instrumento é Test D-70, publicado por *Editions du Centre de Psychologie Appliquée*, em 1970. No Brasil, o instrumento foi publicado em 1988 pela Casa do Psicólogo, e em 1966 (segunda edição) pelo Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia – CETEPP, sob a responsabilidade de José Luciano Duarte, que padronizou o teste. De acordo com Boccato (2007), o D.70 pode ser utilizado em clínicas, seleção profissional e na orientação.

Para Alchieri & Cruz (2003), o teste pode ser aplicado individualmente ou coletivamente em pessoas acima de 15 anos e o tempo de execução é de 25 minutos, e o material consiste em um manual, caderno de questões e folha de resposta. O teste é constituído de 4 (quatro) exemplos e 44 (quarenta e quatro) itens, dispostos em séries. Em cada série a forma de apresentação dos dominós mantém-se a mesma e os itens estão em ordem de dificuldade crescente.

6.5 TESTE DOS RELÓGIOS

Segundo Souza (2002), a necessidade da criação do Teste do Relógios, nasceu da necessidade de minimizar a influencia da escolaridade sobre os resultados de um teste de inteligência. Os autores, baseados na experiência adquirida no seu trabalho diário nas empresas onde selecionavam sujeitos com baixo nível de escolaridade, principalmente nas empresas localizadas no interior do Brasil, enfrentavam o problema de não ter como testar candidato a uma determinada atividade. Em 1967, após muitas pesquisas realizadas, os autores lançaram no mercado a primeira forma do Teste do Relógios. Foi escolhido o formato do mostrador do relógio porque os autores notaram que uma grande parte

das pessoas analfabetas conhecia “as horas” e seria teoricamente capaz de realizá-lo.

Segundo Souza (2002), a primeira forma do teste foi basicamente favorável por parte dos psicólogos de todo o País. A primeira versão era composta por 28(vinte e oito) problemas, e com apenas dois exemplos, mas revelou-se, no entanto um pouco mais complexa do que o esperado pelos autores, pois a dificuldade entre cada item era maior pelo fato de serem apenas 28(vinte e oito) questões.

De acordo com Souza (2002), após as experiências iniciais, o que levou a reconstruir mais duas formas de testes, agora com 40 (quarenta) problemas em cada uma e com 4 (quatro) exemplos, para cada forma, com o objetivo de facilitar a compreensão das instruções por parte dos examinados.

Para Souza (2002), apesar de a população brasileira ter melhorado um pouco nestes anos em seu nível de escolaridade, existe uma porcentagem muito alta de pessoas com baixo nível de escolaridade. E as empresas aos poucos também foram mudando suas exigências, e preocupando-se em cobrar de seus funcionários uma escolarização melhor, pois com a introdução do treinamento e de máquinas mais complexas um mínimo de alfabetização se tornou importante.

Segundo Souza (2002), a versão final do teste ficou dividida em duas formas: B e C, ambas com 4 (quatro) exemplos e 40(quarenta) problemas, distribuídos em 4 (quatro) problemas por página. A prova é composta apenas pelo mostrador de um relógio, incluindo seus ponteiros de horas e de minutos, e no último relógio de cada problema o mostrador aparece inteiramente em branco. O sujeito deve examinar a sequência dos relógios com as respectivas horas marcadas, induzir a lei que rege o problema e finalmente deduzir a resposta correta, indicando qual a alternativa (que sempre em número de quatro aparecem logo abaixo do respectivo problema) resolve a questão proposta. Só existe uma alternativa.

De acordo com Souza (2002), apesar de ser um relógio, os ponteiros dos relógios da prova não seguem exatamente as mesmas regras dos ponteiros dos relógios comuns, podendo andar para frente, para trás, em conjuntos ou isoladamente, ou ainda um pode andar para frente e outro para trás, cada qual com velocidade própria.

Segundo Souza (2002), a aplicação tanto pode ser aplicada individualmente como coletivamente, e tem o tempo de aplicação de 30 minutos. No entanto, admitimos que esse tempo poderá ser eventualmente reduzido para 20 minutos se os candidatos tiverem escolaridade superior, por esse motivo existe uma tabela para pessoas com esta escolaridade. Não se trata, no entanto, advertimos, de um teste com dificuldade suficiente para escolaridades muito altas. Em princípio ele foi concebido para pessoas com baixo nível de escolaridade e até mesmo para pessoas analfabetas.

Segundo Souza (2002), a forma B do teste dos Relógios foi elaborada especificamente para aplicação em pessoas com instrução primária (àqueles que cursaram até a 5ª série do ensino fundamental), até pessoas analfabetos. Já a forma C do teste, foi estruturada para aplicação em pessoas com instrução mínima correspondente a partir da 6ª série do ensino fundamental até 3ª série do ensino médio completo e eventualmente com escolaridade de curso superior, levando-se em conta o tempo de aplicação.

6.6 TESTE DE HABILIDADE PARA O TRABALHO MENTAL- HTM

Segundo Santarosa (2005), o teste de Habilidade para o Trabalho Mental (HTM), elaborado pelo Colégio de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem como objetivo avaliar a habilidade, a maneira como resolvemos os problemas. As habilidades abrangem processos mentais de organização e reorganização de matérias, tendo em vista que existem diferentes tipos de problemas, e podem exigir habilidades diferentes.

De acordo com Santarosa (2005), é destinada a população adolescentes e adultos com idade a partir de 14 anos, pode ser aplicado individual ou coletivamente, tempo é determinado pelo nível de escolaridade de cada sujeito, por exemplo: 1º grau- 20 (vinte minutos), 2ª grau- 15(quinze) minutos, 3º grau- 10 (dez) minutos. E seu material é composto por: Caderno de Teste, Folha de Resposta, lápis preto.

6.7 TESTE CONSISO DE RACIOCÍNIO -TCR

Segundo Sisto (2006), o TCR possui quatro séries organizadas por ordem de dificuldade e foi desenvolvido para avaliar a inteligência, é uma medida unidimensional e está associado à idade cronológica e tem relação também com o conhecimento sobre trânsito, com o comportamento no trânsito. Ele foi construído através do raciocínio inferencial. O teste procura avaliar a relação do trânsito com inteligência. Segundo Sisto (2006), o HTM é voltado para a população de 18 a 73 anos de idade, para candidatos a Carteira de Habilitação Nacional, sua aplicação pode individual ou coletiva (20 a 30 pessoas) e o tempo de aplicação é de no máximo 15(quinze) minutos. O material de aplicação consiste em: Caderno Teste, Folha de Resposta e lápis grafite.

6.8 TESTE DE RACIOCÍNIO INFERENCIAL

Segundo Cisto (2006), o Teste de Inferencial-RIN é dividido também em quatro séries, que são organizadas em grau de dificuldade, e tem como objetivo avaliar a inteligência ou fator g por meio do raciocínio inferencial, pela idade cronológica, o teste também faz uma relação com o desempenho escolar de estudantes de ensino médio. O teste procura medir o chamado raciocínio inferencial, aquele que usamos para chegar a retirar conclusões.

De acordo com Sisto (2006), o RIN é destinado para uma população de 10 a 70 anos de idade, seu material é composto por: Caderno de Teste, Folha de Resposta e lápis grafite. A aplicação poderá ser feita individual ou coletivamente. O tempo de duração é de no máximo 25 (vinte e cinco) minutos.

6.9 TONI-3 - TESTE DE INTELIGÊNCIA NÃO VERBAL

De acordo com Pacheco & Neto(2006), O Toni foi criado em 1982 para avaliar aptidões e habilidades cognitivas, linguísticas ou motoras de crianças e

adultos. O Toni avalia habilidades e o progresso de indivíduos com ampla variedade de problemas neurológicos (incluindo traumatismo craniano, AVC, afasia, paralisia cerebral, dificuldades de aprendizagem, Alzheimer e outros transtornos de cognição, memória e linguagem). O Teste de Inteligência em sua primeira tinha como característica o conteúdo abstrato, no qual uma ou mais figuras estavam faltando, já segunda edição, criada em 1990, colocava o Toni como um teste avaliava um único fator. O Toni-3 nasceu em 1997, para medir o funcionamento intelectual de sujeito, independente da linguagem. Ele foi criado para operacionalizar uma teoria particular sobre inteligência, para ser uma medida do fator comum ou geral que é característico do comportamento inteligente. É considerado um teste altamente padronizado.

Segundo Pacheco & Neto (2006), o teste avalia a inteligência geral por meio da resolução de problemas de desenhos de figuras abstratas, que não requerem leitura, escrita, fala ou audição (possibilitando sua aplicação em deficientes auditivos). É destinada a população de 6 a 10 anos de idade. Sua aplicação pode ser individual ou coletivamente, e sua aplicação é feita através de gestos. O material de aplicação consiste em: Livro de Figuras e a Folha de Resposta.

7 WISC III - ESCALA DE INTELIGÊNCIA WECHSLER CRIANÇAS

Segundo Figueiredo (2006), A genealogia do WISC-III começa na década de 1930, quando David Wechsler desenvolveu a *Escola de Inteligência Wechsler-Bellevue* (1930). Esta escala tinha muitas características que a tornavam uma alternativa atraente em relação a outras escalas de inteligência, de aplicação individual, disponíveis na época. Uma das características era provisão de uma medida geral de capacidade e escalas verbais e de execução separadas.

Segundo Cunha (2000), o motivo que levou a revisão do WISC-R, seria a desatualização de suas normas em aproximadamente em quinze anos, considerando os estudos de Flynn (1984), que mostravam que a média do QI vem aumentando (no mínimo três pontos por década). O WISC-III investiga também a estrutura fatorial do teste resultante de pesquisas com o WISC e WISC-R, eram identificados dos fatores maiores, denominados de Compreensão Verbal (CV) e Organização Percentual (OP), e um terceiro fator menor, reconhecido como Resistência à Distratibilidade (RD). O subteste Procurar Símbolos foi incluído no WISC-III para que a habilidade medida por este terceiro fator pudesse ser melhor distinguida. Entretanto, como consequência, emergiu um quarto fator, intitulado Velocidade de Processamento (VP), oportunizando quatro escores adicionais para a interpretação da habilidade cognitiva.

Segundo Cunha (2001), o treze subtestes que compreende o WISC-III, prediz várias dimensões de habilidades cognitivas e, quando agrupados de forma específica, oferecem escalas de QI e os Índices Fatoriais que estimam diferentes construtos subjacentes ao teste.

Para Cunha (2001), os subtestes do WISC-III estão organizados nos seguintes conjuntos: Subtestes Verbais: Informação, Semelhança, Aritmética, Vocabulário, Compreensão e Dígitos, Subtestes de Execução: Completar Figuras, Código, Arranjo de Figuras, Cubos, Armar Objetos, Procurar Símbolos e Labirintos, Escalas de QI: QI Verbal (QIV), QI de Execução (QIE) e QI Total (QIT), Índices Fatoriais: Compreensão Verbal (CV), Organização Perceptual (OP), Resistência à Distratibilidade (RD) e Velocidade de Processamento (VP), obtidos a partir da somatória dos escores ponderados alcançados nos subtestes que formam cada fator, conforme arranjo (VER TABELA F).

Para Cunha (2001), o WISC-III possui mudanças em material, conteúdo dos itens e procedimentos de administração, trazendo uma maior qualidade o que proporciona o maior interesse e motivação para a criança. As mudanças no material referem-se: aplicação em uma única sessão, sendo estabelecida uma ordem (VER TABELA – G): Código-Semelhanças - Arranjos de Figuras –Aritmética – Cubos – Vocabulário - Armar Objetos – Compreensão - Procurar Símbolos - Dígitos.

Para Cunha (2001), ainda foram apresentados novos itens em vários subtestes e introdução de mais itens com diferentes níveis de dificuldade (pequena e grande), avaliando assim uma melhor avaliação da habilidade intelectual, alteração de itens (visando a minimizar o viés de sexo, etnia e região), principalmente nos subtestes: Informações, Vocabulário e Compreensão, introdução da cor nos estímulos dos subtestes: Completar Figuras, Arranjo de Figuras e no exemplo de Armar Objetos.

Segundo Figueiredo (2006), o WISC-III destina-se a crianças entre 06 a 16 anos e 11 meses de idade, e alguns itens são muito difíceis para crianças mais novas e outros são muito fáceis para crianças mais velhas. Para evitar frustrações aplicando itens fáceis ou excessivamente difíceis, são usadas regras de interrupção. O WISC-III tem como objetivo avaliar o desempenho de uma criança sob um conjunto fixo de condições.

Segundo Figueiredo (2006), o material de aplicação do WISC-III é composto por: Manual – Protocolo de Registro das Respostas – Protocolo de Respostas do Código A ou B – Protocolo de Resposta dos Labirintos (não utilizados para adaptação brasileira do teste) – Protocolo de Resposta do Procurar Símbolos (parte A ou B) – Livro de Estímulos (contendo os itens dos subtestes Completar Figuras, Aritmética e Cubos) – Cartão branco (marcador) para os problemas de Aritmética 3 e 4 – Cartões com as histórias do subtestes Arranjo de Figuras – Cubos – Quebra-cabeças do subtestes Armar Objetos (6) – Anteparo com esquemas impressos dos modelos de apresentação das peças do subteste Armar Objetos - Crivo para correção do subteste Código – Crivo para correção subteste Procurar Símbolos.

TABELA F: ÍNDICES FATORIAIS DO WISC-III

Compreensão Verbal	Organização Perceptual	Resistência à Distratibilidade	Velocidade de Processamento
Informação	Completar Figuras	Aritmética	Códigos
Semelhanças	Arranjar Figuras	Dígitos	Procuras Símbolos
Vocabulário	Cubos		
Compreensão	Armar Objetos		

Fonte: CUNHA, 2001, p.604.

TABELA G: DESCRIÇÕES DOS SUBTESTES DO WISC-III

SUBTESTES	DESCRIÇÃO
Completar figuras	Um conjunto de figuras de objetos e cenas comuns, cada um com uma parte importante faltando, a ser identificada pela criança
Informação	Uma série de perguntas apresentadas oralmente, que avaliam o conhecimento da criança a respeito de eventos comuns, objetos, lugares e pessoas.
Código	Uma série de formas simples (Código A) ou números (Código B), cada um pareado com um símbolo simples. A criança desenha o símbolo na sua forma correspondente (Código A) ou sob seu número correspondente (Código B), de acordo com uma chave. Os Códigos A e B estão incluídos em uma única folha destacável, no Protocolo de Registro.
Semelhanças	Uma série de pares de palavras, apresentadas oralmente, para as quais a criança explica as semelhanças dos objetos ou dos conceitos comuns que representam.
Arranjos de Figuras	Um conjunto de gravuras coloridas, apresentadas em ordem misturadas, que a criança reordena em uma estória com sequência lógica.

Aritmética	Uma série de problemas aritméticos que a criança resolve mentalmente e responde oralmente
Vocabulário	Uma série de palavras apresentadas oralmente, que requerem que a criança resolva problemas cotidianos ou compreenda regras e conceitos sociais.
Armar objetos	Um conjunto de quebra-cabeças de objetos comuns, cada um apresentando em configuração padronizada, que a criança junta para formar um todo significativo.
Compreensão	Uma série de perguntas apresentadas oralmente, que requerem da criança resolva problemas cotidianos ou compreenda regras e conceitos sociais.
Procurar Símbolos	Uma série de grupos e símbolos pareados, cada par composto de um grupo-estímulo e um grupo de busca. A criança examina os dois grupos e indica se um símbolo- estímulo aparece ou não no grupo de busca. Os dois níveis do subtestes estão incluídos em um único protocolo de resposta.
Dígitos	Uma série de seqüências numéricas, apresentadas oralmente, que a criança repete literalmente para Dígitos Ordem Direta e, em ordem inversa, para Dígitos Ordem Inversa.
Labirintos	Um conjunto de labirintos progressivamente mais difíceis, impressos em um protocolo de respostas, que a criança resolve com um lápis.

Fonte: FIGUEIREDO, 2006, p. 5.

7.1 WAIS-III - ESCALA DE INTELIGÊNCIA WECHSLER ADULTOS

Segundo Silva (2004), O WAIS-III é a revisão mais recente do WAIS-R (revisado em 1981), a constelação de tarefas e a composição dos escores de índices fatoriais foram alteradas na versão atual; porém, a principal função do WAIS-III, como das versões anteriores, é a avaliação do funcionamento intelectual. WAIS-III é uma versão clínica de avaliação intelectual, como possui diversos subtestes ele consegue avaliar os diferentes tipos de inteligência. Ele pode ser

usado de forma psicopedagógica, para verificar problemas de aprendizagem, identificar superdotados e excepcionais.

Para Silva (2004), o WAIS-III é um instrumento indicado para pessoas a partir de 16 anos. Trata-se de um teste bastante completo que dispõe de uma forma de interpretação ampla a partir de 14 (quatorze) subtestes, 4 (quatro) índices fatoriais (Compreensão Verbal, Organização Perceptual, Memória de Trabalho e Velocidade de Processamento) e 3 (três) medidas compostas (QIs Verbal, de Execução e Total). A aplicação é individual. O material utilizado: Protocolos (Geral e Procurar Símbolos), materiais diversos (cubos, cartões), materiais específicos para os diversos subtestes, e o tempo de aplicação de aproximadamente 90 (noventa) minutos.

7.2 BATERIA DE PROVAS DE RACIOCÍNIO- BPR-5

Segundo Almeida & Primi (2000), o BPR-5 originou-se da Bateria de Prova de Raciocínio Diferencial (BPRD), que foi construída por Almeida entre os anos de 1986- 1988 que, por sua vez, se originou dos Testes de Raciocínio Diferencial de Meuris (1969). A bateria é organizada em duas formas (A e B), tendo cinco subtestes cada, com o mesmo número de itens.

Segundo Primi & Almeida (2000), passou por uma adaptação da bateria o que teve início em 1995, quando foi desenvolvido um estudo sobre propriedades psicométricas da BPRD, que foi publicado na IV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica. A BPRD é amplamente utilizada em Portugal desde a década de 80 a partir do que vários estudos se acumularam evidenciando sua precisão e validade, tendo sua versão para Brasil também demonstrando possuir boas qualidades psicométricas.

Segundo Almeida & Primi (2000), O BRP-5 é composto por cinco subtestes: Prova de Raciocínio Lógico - Prova RA: essa prova é composta por 25 itens (19 são comuns às Formas A e B) de conteúdo abstrato, envolvendo analogia com figuras geométricas. Tendo o tempo limite de 12 minutos. Prova de Raciocínio Verbal - Prova RV: prova composta por 25 itens (18 são comuns às Formas A e B) envolvendo analogia como na prova de raciocínio abstrato, contudo entre palavras.

O tempo limite é de 10 minutos. Prova de Raciocínio Espacial - Provas RE: prova composta por 20 itens (12 são comuns às Formas A e B) nos quais existem séries de cubos tridimensionais em movimento. Tempo limite é de 18 minutos. Prova de Raciocínio Numérico - Prova RN: Prova composta por 20 itens (12 são comuns às Formas A e B) na forma de séries de números lineares ou alternadas, em que o sujeito deve descobrir qual a relação aritmética que rege as progressões. O tempo limite é de 15 minutos. Prova de Raciocínio Mecânico – RM: Prova composta por 25 itens (19 comuns às Formas A e B) constituídos por gravuras que retratam um problema e opções de respostas, tem questões compostas por problemas práticos que envolvem conteúdo físico - mecânicos. O tempo limite é de 15 minutos.

7.3 TESDE INTELIGÊNCIA GERAL NÃO VERBAL - TIG-NV

Segundo Tosi (2008), o TIG-NV, foi criado em 2004 com a finalidade de avaliar os desempenhos característicos dos testes de inteligência não verbais, como por exemplo, Raven e G36 e outros. O TIG-NV se diferencia dos demais por estimular a motivação, e por possibilitar as medidas de inteligência. O teste é composto por 30 (trinta) itens, e cada item propõe um tipo de raciocínio (atenção, concentração, aprendizagem, conhecimento formal, orientação espacial, comportamento visomotor, memória de reconhecimento, memória operacional, percepção e flexibilidade cognitiva) e sua diversidade de estímulos possibilita a análise das funções cerebrais. O TIG-NV funciona como um instrumento Neuropsicológico.

Para Tosi (2008), o TIG-NV é destinado à população de 10 a 79 anos de idade e com diferentes graus de instruções que vai do nível fundamental ao superior. Aplicação pode ser individual ou coletiva, o tempo de aplicação é de 30 (trinta) a 40 (quarenta) minutos. E o material é composto por: Protocolo de Resposta e Cadernos de Aplicação.

7.4 WISCONSIN DE CLASSIFICAÇÃO DE CARTAS

De acordo com Gordon; Talley; Kay; Curtiss (2005), o teste Wisconsin (WCST) foi desenvolvido para avaliar a capacidade de raciocínio abstrato e a capacidade de modificar as estratégias cognitivas em resposta a contingências ambientais. Ele avalia o raciocínio abstrato, tido como uma avaliação do funcionamento “frontal” ou “pré-frontal”, o que o leva para os padrões de um teste de avaliação neuropsicológica.

Segundo Gordon; Talley; Kay; Curtiss (2005) o teste é destinado a crianças, adolescentes e adultos (6 anos e meio à 89 anos de idade), e seu material é composto por: Quatro cartas-estímulos, Dois baralhos idênticos de 64 (sessenta e quatro) cartas-resposta e o Protocolo de Registro do WCST. É aplicado individualmente, e tempo de aplicação é livre.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa para conclusão do curso de pós-graduação, podemos fazer um estudo bibliográfico sobre a inteligência e os testes que a avaliam. Durante o processo de coleta de dados foi possível entender a importância de pensadores como: Spearman, que em pleno século XX, já buscava explicar a inteligência, o que despertou o desejo em vários outros pensadores de tentar entender de onde vinha a inteligência, se era um fator genético, físico, ou uma aptidão. O grande pulo se deu com Wechsler, que acreditava que a inteligência não poderia ser vista de maneira separada, era mais uma questão de uma união de vários fatores, o que corrobora com Howard ao classificar sete tipos de inteligência (já citado anteriormente no capítulo dois).

Em seguida no capítulo sobre a história dos testes no Brasil, onde foi feito um apanhado da sua chegada com psicobiologia, do uso experimental de medidas de verificação dos estágios de desenvolvimento, passando pela década de 60, onde todo tipo de pesquisa era embasada nos testes psicológicos, principalmente nos testes que avaliam a inteligência. A fase que vai 1836 até 1990, foi de grande importância para os rumos dos testes. E com surgimento daqueles poderiam ser chamados como os precursores dos testes de inteligência, os chamados Alfa e Beta, que já tinham a intenção de avaliar aqueles que possuísem maiores aptidões.

Ainda nos reportando para o capítulo que fala sobre o nascimento dos testes de inteligência, este nos faz ter uma visão de como Galton e Binet foram os percussores das testagens mentais, levando os testes de inteligência para outro nível, o que nos faz questionar que rumo os testes que avaliam a inteligência teria tomado sem esses pensadores? Dada tamanha importância de seus conceitos.

Ao se reportar ao capítulo sobre os testes de inteligência, vindo a ser nosso tema principal podemos entender um pouco como cada autor procurou uma maneira de avaliar a inteligência. Buscaram entender os processos cognitivos, como pensamos, como elaboramos, resolvemos problemas em contextos organizacionais, educacional, no trânsito, para todo tipo de população, crianças, jovens, adultos e idosos, para pessoas de qualquer grau de instrução, o que prova

que inteligência não está diretamente ligada ao nível escolar, mas sim com a capacidade de elaborar o raciocínio.

Ainda existem testes de inteligência que não foram abordados durante esse trabalho como: Colúmbia, V-47, Teste Não Verbal de Raciocínio Infantil- TNVRI, Teste de Raven Matrizes Progressivas Coloridas – Escala Especial, Wisconsin classificação de cartas - versão para idosos. O TNVRI - Teste Não Verbal de Raciocínio Infantil, que avalia a inteligência através de analogias e dedução, criado por Pasquali. O V-47- teste Verbal de inteligência - avalia os diferentes tipos de capacidades intelectual, criado por Bocalandro. Teste de Raven Matrizes Progressivas Coloridas – Escala Especial, permite avaliar a inteligência geral se for usado em conjunto com um teste de vocabulário. A Escala de Maturidade Mental Colúmbia é um teste individual que fornece uma estimativa da capacidade de raciocínio geral de crianças. O Wisconsin classificação de cartas - versão para idosos - é voltado para um público de 60 anos de idade.

Destacamos a importância dos testes para o exercício do psicólogo, que serve como norteador em diversas áreas que vai desde a clínica, a seleção profissional e no contexto escolar. Os testes citados nesse trabalho de conclusão são de editoras como: a Casa do Psicólogo, Vetor, CETEPP. Ressaltamos a importância de usar testes aprovados pelo Conselho Federal de Psicologia como rege a Resolução CFP nº 002/2003, que define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 025/2001.

Os testes que avaliam a inteligência tiveram um papel importante na história, através deles foi possível ajudar desde uma criança com dificuldades de aprendizagem a ter uma orientação mais direcionada, a selecionar indivíduos para determinadas funções. É claro que como em qualquer outro teste ele não pode ser um fator isolado no processo de investigação. Dos testes estudados nessa pesquisa ressaltamos dois deles, o WISC-III e o WAIS-III, o WISC que é destinada a crianças, pela diferencial aplicado para estimular as crianças, abrange diferentes faixas-etárias, que vai dos 06 aos 11 anos e 11 meses de idade, e por possuir uma avaliação tanto para a compreensão verbal, como a questão do processamento de informações, dentre outros, entendendo que a inteligência não é um fator isolado. O WAIS-III assim como o WISC-III, acredita que os indivíduos possuem diversos tipos de inteligência, e por isso avalia da mesma forma a questão do processamento de informações, a questão da percepção dentre outros.

No estudo feito nos manuais dos testes que avaliam a inteligência uma coisa chamou atenção, foi que em alguns deles os autores mostram em quase todo o manual como foram feitas as testagens para a validação do mesmo, e não exploram como nasceu a idéia do teste, é nítido que o fator *g* gira em torno de quase a maioria dos testes, quando se fala em teste de inteligência.

Outro tipo de inteligência que não foi abordada nesse trabalho é a inteligência emocional, um tema bastante debatido, que poderá levar os testes para outro caminho.

REFERÊNCIAS

ALCHIERI, J.C; CRUZ, M. Roberto. Avaliação Psicológica: conceitos, métodos e instrumentos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ALMEIDA, S. Leandro, PRIMI, Ricardo. BRP-5: Bateria de provas de raciocínio: manual técnico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ANTUNES, Celso. As inteligências múltiplas e seus estímulos. Campinas-SP. Papirus, 1998.

BOCCATO, I. Cristina. R1: teste não verbal de inteligência: manual/ de Rynaldo de Oliveira, Irai Cristina Boccato Alves_2ª ed. rev. e ampl. _ São Paulo: Vetor, 2002.

BOCCATO, I. Cristina, ROSA, R. Helena. R-2: Teste não verbal de inteligência para crianças: manual. São Paulo: Vetor, 2000.

BOCACATO, I. Cristina. Teste D.70: manual revisado e ampliado. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia, 2007.

BOCCALANDRO. R. Efraim. G-36: Teste Não Verbal de Inteligência: manual_5ª ed. rev. e ampl. pelo Departamento de Pesquisa da Vetor Editora_ São Paulo, Vetor, 2003.

BROW, Linda, SHERBENOU, J. Rita, JOHSEN, K. Susan. Toni-3 (Forma A): teste de inteligência não verbal: uma medida de habilidade cognitiva independente da linguagem. trad. Antônio Carlos Pacheco e Silva Neto. São Paulo: Vetor, 2006.

CAMPOS, Francisco, CUNHA, Suzana E. Matrizes Progressivas: Escala Geral Série A,B,C,D e E. Manual/J.C.Raven. Rio de Janeiro, 2003.

FIGUEIREDO, Vera L.M. WISC-III: Escala de Inteligência Wechsler para Crianças: Manual/David Weschsler. 3ª. ed: Adaptação e Padronização de uma amostra Brasileira, 1ª. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GARDNER, Howard. Inteligência: um conceito reformulando/Howard Gardner- Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GOODWIN, C. James. História da Psicologia Moderna. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

GORDON, J. Chelune, TALLEY, L. Jack, GARY, G. Kay, CURTISS, Glenn. Teste Wisconsin de Classificação de Cartas: manual / Robert K. Heaton...[et al.]; adaptação e padronização brasileira, Jurema Alcides Cunha... [et al].__ rev. e amp. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

PASQUALI, Luiz. Técnicas de exame psicológico: TEP manual/ volume I: fundamentos das técnicas psicológicas. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2001.

OLIVEIRA, Rynaldo. R-1, forma B: manual : teste não verbal de inteligência. São Paulo: Vetor, 2004.

SANTAROSA, M.C. Lucila, WAISTEIN, Olga. Teste de Habilidade Para o Trabalho Mental: manual. São Paulo: Vetor, 2005.

SISTO, Fermino F. Teste Conciso de Raciocínio (TCR): Manual. São Paulo: Vetor, 2006.

SISTO, Fermino F. Teste de Raciocínio Inferencial (Rin). São Paulo: Vetor, 2006.

SOUZA, V. Fábio. Testes dos Relógios: Formas B e C. 4ª. ed. São Paulo: Vetor, 2002.

TOSI, M. V. Delph, Acessino Silésia. TIG-NV: Teste de Inteligência Geral Não-Verbal: instrumento para avaliação psicológica e neuropsicológica: manual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

WECHSLER, Davis. WAIS-III: Escalas de Inteligência Weschsler para Adultos: manual/ David Weschsler: Adaptação e padronização de uma amostra brasileira, Elizabeth do Nascimento; [Tradução Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva]._ 1ª edição _ São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

Disponível:

http://unitalentosh.com.br/news/index.php?option=com_mtree&Itemid=60, Acesso em: 06 de agosto de 2011.

Disponível:

http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2003_02.pdf, Acesso em: 06 de agosto de 2011.